

A VISÃO DE EMILY DICKINSON SOBRE A MORTE: MUITO ALÉM DO SENTIMENTALISMO

Fernanda Maccari Guollo¹
Gladir da Silva Cabral²

Resumo

Emily Dickinson (1830-1886) foi uma escritora além do seu tempo. Seus poemas expressam seus mais profundos anseios, sempre com muita ironia e contensão. Sua habilidade com as palavras revela vivacidade e engenhosidade no tratamento da complexidade psicológica do ser humano. Seus temas preferidos: a natureza, o amor, as críticas sociais, o mistério *vs* a dor, loucura *vs* sanidade e, principalmente, a morte. Este último torna-se o foco de estudo do presente artigo, que analisará alguns poemas de Emily Dickinson buscando investigar a atitude da escritora em relação à morte.

Palavras-chave: poesia, morte, protestantismo.

Abstract

Emily Dickinson (1830-1886) was a writer far beyond her own time. Her poems express her deepest anxieties, always with a great amount of irony and intellectual effort. Her ability with words reveals vivacity and ingenuity in the treatment of the human psychological complexity. Her favorite themes are: nature, love, social criticism, mystery *vs*. pain, madness *vs*. sanity and, mostly, death. This last theme is the focus of this paper, which analyses some poems by Emily Dickinson and intends to find her attitude towards death.

Keywords: poetry, death, Protestantism.

No final de 1830, quando o Romantismo estava a florescer nas terras da Nova Inglaterra, nasceu uma encantadora e instigante escritora chamada Emily Dickinson.³ Sua vida se limitou ao

¹ Acadêmica da 8ª fase do curso de Letras – Português/Inglês da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Este trabalho foi solicitado como cumprimento parcial da disciplina de Literatura Inglesa e Norte-Americana II.

² Professor de Literatura Inglesa e Norte-Americana da Unesc e do PPG – Mestrado em Educação da Unesc.

³ Nasceu em Amherst, Massachusetts em 10 de dezembro de 1830. cursou durante um ano o *South Hadley Female Seminary*. Apresentava uma postura solitária em relação à morte. Em sua vida escreveu 1.775 poemas e cartas. Escritora talentosa, em suas produções abordava temas de suma relevância ao ser humano e à sociedade. Dickinson introduziu os primeiros passos de uma estética moderna que se concretizaria apenas no século XX, por isso mesmo e pelo modo objetivo com que escreve é considerada uma escritora além de seu tempo. Todos os registros que se tem conhecimento dessa escritora deve-se a familiares, raros amigos e intelectuais com quem ela mantinha contato por meio de cartas. Sua obra foi publicada postumamente. Faleceu em 15 de maio de 1886 em Amherst, Massachusetts (WIKIPEDIA, 2006).

âmbito doméstico. Com personalidade forte e solitária, era uma mulher extremamente inteligente, possuía grande senso de humor e utilizou essa qualidade para engrandecer seus poemas. Dentre os temas abordados pela escritora, destacam-se: o amor, a natureza, as críticas sociais, a loucura vs sanidade, o mistério vs dor (quando se refere ao lado obscuro da mente humana e seus complexos, como depressão, solidão, angústias, etc.). No entanto, o tema que mais forte em sua obra parece estar voltado para o fascinante e misterioso fenômeno da morte, sua freqüente obsessão (FARSTAD, 1991). Lendo e analisando seus poemas, é possível perceber que a visão que a escritora tem a respeito dessa passagem sugere uma atitude por vezes amena, e por vezes como experiência de libertação do corpo e da alma.

Com um estilo literário marcante, Dickinson propiciou o surgimento de novos moldes para a literatura, prenunciando os primeiros traços do Modernismo na literatura norte-americana, que veio a se manifestar e consolidar somente no século posterior. Pelo que se tem registro, suas principais leituras foram: *the Bible* (a Bíblia), a obra de *Shakespeare* e os *hymns* (os hinos religiosos protestantes). Isso pode ser observado em sua própria obra. Para a escritora, a leitura era sua fonte de alimento para a alma, um instrumento de aprendizagem e de viagem pelo mundo, mediação de seu contato com a realidade exterior, uma janela para a história através das folhas amareladas do livro. Segundo Marisis Aranha Camargo, “o estilo de Emily Dickinson era simples, mas apaixonante, marcado pela economia e concentração da linguagem, ela projetou seus temas dentro de casa e nem por esse motivo deixou de ter originalidade” (1986, p. 43).

Escritores e intelectuais da época, como Higginson⁴ e Bowles,⁵ prezavam o respeito pelos padrões estilísticos convencionais do século XIX. Entretanto, Emily Dickinson ousou lapidar sua produção literária sem seguir tais prescrições estilísticas e literárias, buscando talvez inconscientemente provocar a reflexão a respeito de novos padrões de escrita que estão presentes em seus poemas. Sua poesia não se adequava ao estilo da época; sua métrica, que seguia basicamente o padrão dos hinos protestantes, chamava a atenção e suas rimas eram por vezes inusitadas e bastante flexíveis. Sua obra caracterizava-se por ser concisa e telegráfica, pois devido à espontaneidade que evidenciava, ela não se prendia a rodeios, sendo extremamente objetiva e

⁴ Thomas Wentworth Higginson: poeta de grande porte do século XIX. Um dos primeiros a compreender o estilo rebuscado e inovador de Dickinson.

⁵ Samuel Bowles: A escritora mantinha contato com esse intelectual por meio de cartas.

precisa. Ela privilegiou as variantes métricas não-fixas e também as rimas assonantes, encaixando genuinamente tons sonoros aos seus poemas, produzindo uma obra cheia de musicalidade.⁶

Antes de entrarmos propriamente nos poemas que apresentam a atitude de Emily Dickinson quanto à morte e ao morrer, é interessante comentar sobre o modo como a morte é vista no pensamento protestantismo, que é a matriz do puritanismo norte-americano e que guarda diretas influências na vida familiar e pessoal da autora. A partir de então será possível ver ou não, na obra poética de Dickinson, traços desse pensamento religioso. Ao desenvolver o tema da morte, a autora muitas vezes recorre a símbolos tradicionais do cristianismo, imagens bastantes conhecidas da comunidade religiosa, narrativas convencionais, e os recria dentro de suas intenções literárias e estéticas.

O ponto de partida do Movimento Protestante foi a Reforma religiosa do século XVI, seguido do estabelecimento das igrejas protestantes em vários países da Europa, como Alemanha, Inglaterra, Escócia, Holanda, Suíça e França. Martinho Lutero e João Calvino foram os mais importantes líderes e pensadores da tradição protestante, portanto são pontos de referência quanto ao pensamento protestante que posteriormente viria a se instalar nas colônias norte-americanas no século XVII. Outro grande pensador de reconhecida influência no pensamento protestante, principalmente no que tange ao tema da morte e suas conexões com a fé e as angústias existenciais foi Soren Kierkegaard (CABRAL, 1996).

Há um desenvolvimento no tratamento do problema da morte através da Bíblia. Nas primeiras páginas do Velho Testamento, por exemplo, a idéia da ressurreição do corpo ainda não estava presente. Ela veio como resultado de um desenvolvimento posterior da história do povo hebreu, ao entrarem em contato com culturas e realidades diferentes. Também vem do Velho Testamento a idéia da vida como dom supremo e único recebido de Deus, a relação entre morte e pecado e a centralidade da relação com Deus em termos de vida ou morte. Se a vida é o dom supremo, a doença representa uma terrível limitação, comparada à morte. A cura e a revivificação são equivalentes à vida. O significado da palavra hebraica *nephesh* implica algo que está no ser humano, em seu sangue, a respeito do que o ser humano não tem nenhum controle, isto é, a vida é

⁶ O poema “*The Soul selects her own Society*” exemplifica bem o aspecto musicalidade na obra de Emily Dickinson, revelando utilização no final dos versos as palavras: *door – more, nation – attention*, dentre outras: “*The soul selects her own society, / Then shuts the door; / On her divine majority / Obtrude no more. / Unmoved, she notes the chariot’s pausing / At her low gate; / Unmoved, an emperor is kneeling / Upon her mat. / I’ve known her from an ample nation / Choose one; / Then close the valves of her attention / Like stone*” (DICKINSON, 1961, p. 143).

algo transcendente. O sopro de vida, portanto, está sujeito somente ao controle de Deus. A vida, desse modo, é experimentada como algo que é emprestado aos seres humanos por Deus, que é a fonte da vida (CABRAL, 1996). Semelhantemente, a Bíblia apresenta a noção de tempo como uma criação de Deus. Deus é o Senhor do tempo. Por isso, a morte e o tempo estão sob Seu direto controle.

Por outro lado, de acordo com o teólogo alemão Eberhard Jüngel, a idéia de vida no Velho Testamento está ligada ao relacionamento com Deus (JÜNGEL *apud* CABRAL, 1996). O indivíduo vive à medida que Deus desenvolve um relacionamento com ele. Portanto, de acordo com Jüngel, o conceito bíblico de morte é desenvolvido a partir do conceito de vida como relacionamento. A morte representa a interrupção desse relacionamento, a interrupção de toda a condição de vida, portanto, ela representa “o fim da história de vida”, o fim do corpo, o fim da pessoa, a expressão da pequenez da humanidade, o retorno ao pó (80).

O Novo Testamento, por sua vez, apresenta uma mensagem clara da ressurreição e toma Jesus Cristo como o centro dessa mensagem, Jesus Cristo “o crucificado” (I Cor. 2:2). A fé e a esperança são respostas básicas, no Novo Testamento, à mensagem da morte e ressurreição de Cristo (CABRAL, 1996). O que é periférico no Velho Testamento se torna central no Novo Testamento, isto é, a esperança numa ressurreição dos mortos baseada na vitória de Deus sobre a morte. A imortalidade, para a tradição cristã, deve “incluir o corpo, seja em que forma transfigurada for, como foi na ressurreição de Jesus” (FRYE, 1983, p. 20). A ressurreição do corpo permite um novo entendimento da morte, não mais como o fim da existência, mas como a entrada numa vida eterna.

Para Lutero, a manifestação da graça de Deus e a salvação constituem o supremo valor da vida, que para Calvino repousa na relação entre um indivíduo livre e um Deus soberano. Kierkegaard, entretanto, dirá que a morte não é o problema fundamental, mas sim a existência, não o morrer mas o viver (CABRAL, 2005). Para o cristão, o conceito de morte muda, de uma experiência negativa e assustadora, a um entendimento da morte como bênção, tendo em vista a ressurreição e a vida eterna. Por isso, esse não é um momento de lamento nem de desespero, mas de alegria e cântico. Lutero e Calvino vêem a vida como estando em constante ameaça pela morte, e cada dia de vida como uma vitória sobre as forças da destruição. A morte está sempre presente, apontando os limites do tempo e da existência.

Kierkegaard entende o desespero como uma experiência universal da humanidade. Para ele, todo ser humano vive em um mundo cheio de desespero. Não há escapatória da sua situação, não há saída para o seu dilema. Kierkegaard representa a vida humana em termos de agonia do indivíduo mortalmente doente. Esse indivíduo está sempre em processo de morrer, mas sem o experimentar o alívio da morte. A morte física não pode impedir os seres humanos de sentir o desespero, porque eles não podem lidar com sua própria morte. A morte é algo que ocorre a eles externamente, sem sua decisão direta. O desespero é a perda da esperança de morrer (KIERKEGAARD, 1984). Portanto, a morte, para Kierkegaard, não é o absoluto risco da existência, mas sua suprema possibilidade. Para o filósofo dinamarquês, a liberdade é o grande elemento da vida humana. É no uso da sua liberdade que o ser humano se constrói e supera a morte, dialeticamente e dinamicamente. A natureza impõe, mas a intenção do indivíduo reage e se posiciona, superando os paradoxos da vida (idem, 1984).

Ao se referir à morte, Emily assume uma postura crítica e sucinta. Por vezes interliga a presença da liberdade à intermediação da morte. Devido à experiência que herdou ao frequentar pelo período de um ano um seminário direcionado a mulheres, e por ter recebido uma educação voltada aos princípios puritanos, apegou-se à leitura bíblica. Então, ao confortar-se e ao mesmo tempo confrontar-se diante dessa passagem que é a morte, a escritora geralmente faz alusões a imagens e prescrições bíblicas e a trechos de hinos religiosos. Um trecho que exemplifica a relação entre morte *vs* liberdade está presente no poema a seguir:

IX
The heart asks pleasure first,
And then, excuse from pain,
And then, those little anodynes
That deaden suffering;

And then, to go to sleep;
And then, if it should be
The will of its Inquisitor⁷
The liberty to die⁸.

⁷ Traços religiosos.

⁸ Faz menção da liberdade interagindo com a morte e enfatiza que uma está ligada à outra. Uma possível tradução seria: “O coração pede primeiro prazer, / E então, escape da dor, / E então, as pequenas aspirinas / Que amortecem o sofrimento; / E então, ir dormir; / E então, se assim tem que ser, / A vontade do Inquisitor / A liberdade de morrer” (tradução nossa).

Como se vê no poema, a morte é apresentada em termos de adormecimento, sono, que é uma metáfora bíblica, e ao mesmo tempo como uso de liberdade diante da imposição de um Inquisidor, uma noção bem kierkegaardiana, diríamos.

Os poemas de Emily Dickinson não possuíam sentimentalismo e raramente recebiam títulos. Os títulos que se encontram em seus poemas foram acrescentados por editores, que também incluíram algumas alterações na pontuação e na ortografia. Havia a utilização freqüente de figuras de linguagem, como: metáforas, aliterações, paradoxos, principalmente ao referir-se à morte. No poema a seguir, a escritora utilizou metáforas, e com um tom sutil fez ressaltar que a vida é uma viagem sem volta. Esse poema possui também rimas assonantes, uma das características que marcaram a obra da escritora:

*'T was such a little, little boat
That toddled down the bay!
'T was such a gallant, gallant sea
That beckoned it away!*

*'T was such a greedy, greedy wave
That licked it from the coast;
Nor ever guessed the stately sails
My little craft was lost!⁹*

O poema faz o leitor recordar cenas marinhas, talvez um resquício de infância, fase ingênua em que é possível brincar, construir barquinhos, brincar à beira do mar e contemplar a imensidão das águas. O poema remete à ligação que expressa a morte vs a liberdade, notória em seus versos, pois nessa situação a escritora fez uso de imagens, objetos, adjetivos e principalmente metáforas (*'T was such a greedy, greedy wave/ That licked it from the coast...*), que sugerem uma fase da vida que nunca mais retornará. O contraste entre a imensidão do mar e a fragilidade da experiência humana é desenhado em termos de um barquinho e suas velas abertas diante da vastidão do oceano.

Em outro poema, Dickinson apresenta um diálogo surreal e irônico entre duas personas que acabaram de morrer. Elas conversam no túmulo sobre a causa de suas mortes e sobre seus

⁹ “Era um barco tão pequeno, tão pequeno / Que passeava pela baía! / Era um mar tão majestoso, tão majestoso, / Que o atraía para fora! / Era uma onda tão voraz, tão voraz / Que o lambeu da costa; / Que as imponentes velas abertas nem imaginavam / Que meu pequeno barco estivesse perdido!” (tradução nossa).

destinos. Pouco a pouco, sua conversação é envolvida pelo musgo que cobre seus restos mortais.

Vejamos:

*I died for beauty, but was scarce
Adjusted in the tomb,
When one who died for truth was lain
In an adjoining room.*

*He questioned softly why I failed?
"For beauty," I replied.
"And I for truth, – the two are one;
We brethren are," he said.*

*And so, as kinsmen met a night,
We talked between the rooms,
Until the moss had reached our lips,
And covered up our names.¹⁰*

Beleza e verdade, dois conceitos que na cultura ocidental parecem eternos, são aqui a causa mortis de dois personas. Ironicamente, Dickinson mostra como a morte vem aos poucos derrubar e cobrir de esquecimento aquilo que há de mais precioso na cultura humana. Ao mesmo tempo, os seres humanos são apresentados aqui como parentes unidos pelo destino final.

Finalmente, em outro belíssimo poema, Emily Dickinson caminha com uma persona muito bem apessoada, muito fina e educada: a morte. Em inglês, a morte tem gênero: masculino. Por isso, o encontro aqui retratado entre ela e a morte é descrito em termos de galanteio. Um tétrico e irônico namoro numa carruagem misteriosa e elegante. Eis o poema:

*Because I could not stop for Death--
He kindly stopped for me--
The Carriage held but just Ourselves--
and Immortality.*

*We slowly drove--He knew no haste
And I had put away
My labor and my leisure too,
For His Civility--*

¹⁰ “Eu morri de beleza [isto é, desejei muito a beleza], mas mal / Me contive na tumba / Quando alguém que morreu pela verdade foi colocado / numa sala ao lado. / Ele perguntou gentilmente por que eu tinha morrido? / “Pela beleza”, eu respondi. “E eu pela verdade – os dois são um só; / Somos irmãos”, ele disse. / E então, como parentes que se encontram à noite, / Nós conversamos entre as salas, / Até que o limo atingiu nossos lábios, / E cobriu nossos nomes”.

*We passed the School, where Children strove
At Recess--in the Ring--
We passed the Fields of Gazing Grain--
We passed the Setting Sun--*

*Or rather--He passed Us--
The Dews drew quivering and chill--
For only Gossamer, my Gown--
My Tippet--only Tulle--*

*We paused before a House that seemed
A Swelling of the Ground--
The Roof was scarcely visible--
The Cornice--in the Ground--*

*Since then--'Tis Centuries--and yet
Feels shorter than the Day
I first surmised the Horses Heads
Were toward Eternity--¹¹*

O modo irônico e casual com que Emily Dickinson descreve seu passeio com a morte parece sugerir a superação do tradicional pavor e pudor que se tem ao lidar com semelhante tema. Ela ajuda a desmistificar a imagem do “Cavaleiro Negro e sua foice” e retrata a morte como um verdadeiro cavaleiro e sua carruagem luxuosa. A morte não é mais o grande inimigo. Há um quê de sedução nessa representação da morte.

Pode-se concluir que, ainda que revelando muita influência do protestantismo, presente em seus poemas na estrutura e no ritmo dos seus versos, bem como nas imagens bíblicas e metáforas que constrói, a atitude de Emily Dickinson diante da morte é ligeiramente distinta e

¹¹ “Porque eu não pude esperar pela Morte – / Ele esperou educadamente por mim – / A Carruagem continha apenas Nós – / e a Imortalidade. / Ele dirigiu vagarosamente – Ele não tinha pressa / E eu abandonei de vez / Meu trabalho e meu tempo livre também, / Em troca de Sua Civilidade – / Passamos pela Escola, onde Crianças lutavam / No Recreio – No Círculo – / Passamos pelos Campos dos Grãos que nos Contemplavam – Passamos o Pôr do Sol – / Ou melhor – Ele passou por Nós – As gotas de Orvalho trouxeram frio e tremedeira – Pois meu único Vestido era um Véu – / Meu Cachecol – só uma Mantilha fina – / Passamos diante de uma Causa que parecia / Um pequeno Monte a se elevar do chão – / O Teto era pouco visível – / A Cornija – rente ao chão – / Desde então – Já fazem Séculos – e ainda assim / O tempo parece mais breve que o Dia / Em que vi pela primeira vez os Cavalos / Se dirigiam para a Eternidade” (tradução nossa).

idiossincrática, revelando uma postura nova, irônica, de reconhecimento da morte como um fenômeno importante mas natural. Percebe-se quase um descaso diante da morte, uma irreverência radical em relação ao desconhecido. Em certos momentos há até mesmo a sugestão de um namoro entre o indivíduo e a morte, que perde seu caráter assustador e desesperador e ganha um certo ar de familiaridade e naturalidade.

Emily Dickinson deixou para o século XX uma produção de valor significativo. Em vida, fez pouquíssimas e esparsas publicações de poemas avulsos de sua autoria, entretanto seus 1.775 poemas e demais cartas vibram em consonância com o que há de mais moderno na literatura norte-americana. Dessa forma, seus versos retratam uma realidade além de seu século, principalmente se for levada em consideração a brilhante desenvoltura com que a escritora projetou com o seu estilo peculiar de reflexões sobre temas que permeiam a vida humana, bem como a maneira tão sutil e inusitada como retratou a morte. Em seus poemas, Dickinson oferece palavras que nem são de conforto nem de pavor, apenas de reflexão e ironia diante dessa experiência humana inevitável e inexplicável, que a autora encara com a mais admirável e estranha naturalidade e liberdade. Esta última é característica marcante nos poemas deixados em seus cinquenta e seis anos de vida reclusa.¹²

Na verdade, os poemas de Emily Dickinson transpiram uma intensidade religiosa e ao mesmo uma profundidade filosófica e teológica inimagináveis hoje em dia (BIANCHI, 2003). Ela encara de frente os dilemas mais complexos da vida humana, que muitas são ignorados ou abandonados por boa parte dos escritores contemporâneos. Para ela, a literatura demanda um pacto eterno com a honestidade e a verdade: “*Truth – is as old as God – / His Twin identity / And will endure as long as He / A Co-Eternity*”¹³ (DICKINSON, 1961, p. 404).

Referências

¹² Intrigante o fato de destacar a liberdade em sua poesia e optar por uma vida enclausurada em sua própria residência. Pelos aspectos que permeiam sua obra, Dickinson transpôs para o papel todos os seus desejos mais obscuros (quando faz menção ao amor, ao desejo carnal, etc.) e pensamentos mais instigantes (loucura vs a sanidade, o lado obscuro da mente humana e seus complexos, como: depressão, solidão, angústias, etc.). A escritora representava viver um dilema que girava em torno da vida reclusa por opção e de seu contínuo desejo de liberdade, embora deixasse transparecer em alguns momentos, pelo que se tem registro de seus atos, que ela não seria apta a viver em meio à sociedade, devido ao seu apego à solidão.

¹³ “A Verdade – é tão velha quanto Deus – / Sua identidade Gêmea / E permanecerá tanto quanto Ele / Uma Co-Eternidade” (tradução nossa).

BIANCHI, Martha Dickinson. Introduction to the Poems of Emily Dickinson. DICKINSON, Emily. **The Poems of Emily Dickinson**. Hazleton: Pennsylvania State University, 2003 (1924).

CABRAL, Gladir da Silva Cabral. **Death in the poetry of Dylan Thomas**. 1996. Tese de Doutorado – PPGI da UFSC, Florianópolis.

_____. Dylan Thomas's poem "And death shall have no dominion". **Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura**, Universidade Mackenzie, São Paulo, ano 7, n. 7, 2005.

CAMARGO, Marisis Aranha. **Basic guide to American Literature**. São Paulo: Pioneira, 1986.

DICKINSON, Emily. **The complete poems of Emily Dickinson**. Edited by Thomas H. Johnson. Boston: Little, Brown and Company, 1961.

FARSTAD, Arthur L. Grace in the Arts: Jesus and Emily. The Biblical roots of Emily Dickinson's poetry. **Journal of the Grace Evangelical Society**, v. 4, n. 2, Autumn 1991.

FRYE, Northrop. **The Great Code: The Bible and Literature**. New York: Harvest, 1983.

JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero Humano**. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

WIKIPEDIA. Emily Dickinson. Disponível em:
<http://en.wikipedia.org/wiki/Emily_Dickinson>. Acessado em 28 set. 2006.